

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 31 de outubro de 2018**

*Texto de referência: J. Carrón-L. Giussani, [Vivo é algo presente!](#),
supl. Passos, Novembro 2018.*

- *Aconteceu*
- *Il monologo di Giuda*

Glória

Carrón: Começamos nosso trabalho com a “tenacidade de um caminho” (p. X) a que fomos convidados por Dom Giussani no Dia de Início de Ano. A primeira coisa que dissemos foi para tentar entender o alcance daquilo que estamos trabalhando. Todos sabemos que a circunstância que provocou essa colocação de Giussani foram os eventos de 1968 que, para ele, foram realmente um desafio que fez com que descobrisse algo mais do que aquilo que ele reconhecia como verdadeiro. Tanto é que se deixou mover: “Há quinze anos, quando começamos *Gioventù Studentesca* [...] a razão [...] sobre a qual se buscava apoio para mover à adesão, [...] normalmente era este: nascemos numa tradição, não é justo que tenhamos de continuar ou deixar de lado essa tradição sem nos comprometermos antes com ela. [...] Foi essa razão que moveu todas as pessoas que vieram conosco. [...] Se eu tivesse atualmente de pedir aos jovens para entrar em GS, eu não creio que ainda usaria essa razão”. Como dizendo: durante os primeiros quinze anos fizemos assim, agora eu não faria mais assim. Diante da provocação de ’68, Dom Giussani não se obstina (dizendo: sempre fiz assim, então insisto em fazer assim!), mas se deixa mover. E isso leva-o a descobrir com mais profundidade a natureza do cristianismo, a ponto de introduzir uma diferença entre “cristandade” e “cristianismo”. Recentemente, fiquei tocado ao ler um trecho da *Amoris Laetitia*, onde o Papa diz: “É salutar prestar atenção à realidade concreta, porque ‘os pedidos e os apelos do Espírito ressoam também nos acontecimentos da história’ através dos quais ‘a Igreja pode ser guiada para uma compreensão mais profunda do inexaurível mistério’” (Francisco, Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, 31) do cristianismo. Por isso, somente quem aceita o desafio pode ser conduzido e guiado a uma compreensão mais profunda do inexaurível mistério do que nos aconteceu. A primeira questão, então, é: como Giussani responde a esse desafio?

Colocação: *Tenho uma pergunta.*

Carrón: Por favor.

Colocação: *Dom Giussani começa sua colocação dizendo uma coisa da qual acho que não entendi até o fundo o significado e o alcance: “essa esperança não está mais naquilo que lhes seria dado, mas em vocês, [...] é uma esperança em mim e em você, em você e em mim, é uma esperança na nossa pessoa ou em algo que está dentro da nossa pessoa. Não é uma esperança em algo fora, não é uma esperança numa voz, em circunstâncias, numa situação, numa ocasião: não é esperança nisso, é uma esperança em algo que está dentro de nós” (p. III). No Dia de Início de Ano, quando ouvi essas palavras, disse a mim mesma: ele vai explicar o que é esse “algo” que está dentro de nós. Mas, depois, parece que ele não disse, ou pelo menos eu não percebi. Sempre ouvi dizer que a salvação vem de fora de mim, que o anúncio não me foi dado por mim e muito menos dependeu de mim, que é gratuito. Qual é, então, o recurso dentro de mim que pode fazer frente à confusão desta época? Tentei achar uma explicação sozinha, procurando compreender o texto, e algumas coisas também me foram ditas, mas entendo que, assim, corro o risco de fechar a questão. Gostaria que você retomasse essa passagem e me explicasse o que Dom Gius realmente quis dizer. Obrigado.*

Carrón: Esta pergunta é crucial para entender – como você diz – “o alcance” da colocação de Giussani. Eu pergunto a você qual é, a seu ver, o recurso que Giussani tinha para enfrentar os eventos de ’68. Só quando se encontra diante dos desafios da vida – não é que em todos estes meses

não fomos desafiados: no trabalho, na família, nos relacionamentos, nas circunstâncias –, cada um pode ver como reagiu e com que recursos. Assim, podemos fazer a comparação com Giussani para poder entender o alcance do que ele diz. Porque você tem razão: o recurso é algo que está dentro de nós. Então, cada um deve refletir: “Como eu teria enfrentado o desafio da contestação?”. Mas não é preciso imaginar como o teríamos enfrentado. Basta nos perguntarmos: “Como enfrentei as coisas, os desafios cotidianos, ou excepcionais, que vivi recentemente? Qual foi o meu recurso para enfrentá-los?”. Dom Giussani diz: “Tudo está no acontecimento [...], está em algo fora de nós [por isso, você tem perfeitamente razão] e que se propõe ao profundo de nós [era algo com que ele tinha se deparado na vida, que, na ocasião se propôs no profundo dele]; mas está fora de nós [...] como o mar em tempestade. Um acontecimento fora de nós, [...] [mas que] nos transpassa, até o profundo de nós, com a sua proposta; e essa proposta que nos transpassa até o profundo envolve também aquela pobre pessoa que o carrega, apesar dela” (p. VIII). Aquilo com que Dom Giussani se deparou estava fora dele, mas, a um certo ponto, tornou-se dele. Senão, não teria podido dizer aos que o escutavam: “Uma esperança em mim e em você, em você e em mim” (p. III). Então, se vê que aconteceu algo fora de nós, e podemos ver o alcance daquilo que aconteceu, porque chegou até o profundo de nós.

Mas para que possamos entender o que nos aconteceu, diz Dom Giussani, é preciso – não sei quantos de nós o percebem quando estão diante dos desafios da vida – uma pobreza de espírito: “O sintoma mais radical da pobreza do espírito é a escuta, é a posição de reescutar e de escutar: de reescutar o que já nos foi dado, e profusamente dado” (p. IV). O que nos foi dado, nós temos para dar e vender, mas muitas vezes, não tendo valorizado “o que já nos foi dado, e profusamente dado”, não o percebemos como um recurso. E então? Amiga, você pergunta: como podemos enfrentar todos os desafios que temos diante de nós, com a “confusão desta época” – como você disse, com uma expressão muito pertinente –? Como vocês os estão enfrentando? Alguém tomou consciência “do que já nos foi dado, e profusamente dado”? Na colocação de Dom Giussani, vemos que ele é tão consciente do que foi dado a ele – e sabe que foi dado também a nós: por isso diz que a “esperança está [...] em você e em mim” –, que o considera como recurso para enfrentar o desafio, “porque Deus, sendo o criador, o construtor, não pode nos preparar algo agora se não tiver relação com o que já nos foi dado [...] porque [...] cada momento tem uma novidade, uma novidade impressionante, que urge sobre a nossa existência e a provoca para o caminho, ou a provoca para a descoberta” (p. IV). Por isso, tudo o que acontece é para uma descoberta maior daquele início que nos foi dado, daquela eleição e preferência que, num determinado momento, encontramos em nós, encontrando algo fora de nós.

Não pude pensar nessas coisas sem que me viesse em mente o que dissemos nos Exercícios da Fraternidade, citando von Balthasar: o início é «a fonte da qual nunca nos podemos afastar. Mesmo depois, logo depois, quando já houver as consequências, a premissa não poderá ser esquecida nem por um instante” porque “a nossa liberdade é inseparável do fato de termos sido libertados” (*L'impegno del cristiano nel mondo*, Jaca Book, Milano 2017, p. 33), inseparável, portanto, da fonte que é a Sua ação, a Sua preferência por nós.

Então, qual é o recurso que Dom Giussani tem para enfrentar os eventos de '68? Essa preferência, essa origem da qual nunca se afasta. Somente a pobreza de espírito nos torna conscientes do recurso. Quando essa pobreza não está em nós, não nos damos conta de como Giussani enfrentou o desafio de '68, e cada um começará a fazer as próprias análises, reduzindo tudo ao que já sabe: “Porque justamente na falta de pobreza do espírito, justamente na proporção exata em que falta a pobreza de espírito, que acontece? Que a pessoa já sabe as coisas” (p. VII). Não é que as nega, mas já sabe. Então pensa: já sei o que é o cristianismo e o que tem a ver com o desafio de '68, ou com a confusão do presente, o que tem a ver com o desafio do trabalho, ou com o meu relacionamento em casa. Giussani continua: “Acha que já sabe e reduz tudo ao que já sabe, tende a reconduzir tudo ao que já sabe. [Enquanto] Somente o pobre de espírito é que pode ser enriquecido, a riqueza é só para ele: para o outro não há nada além de consumição, isto é, um viver de renda, que é a consumição” (p. VII). É isso o que acontece conosco, hoje, porque nosso tempo também “é extremamente pobre

de espírito, mas não no sentido evangélico da palavra [...] porque a riqueza do espírito é [...] um acontecimento de síntese [Giussani não fez uma análise de '68, percebeu o ponto central do desafio e deu um juízo que todos entendemos, sem ter precisado fazer um mestrado em Harvard], e o senso da história é o índice supremo da riqueza do espírito” (p. V).

Que recurso temos para enfrentar os desafios atuais? Dom Giussani nos diz: uma esperança que está em nós. Mas, às vezes, para nós, ela não é suficientemente concreta para percebê-la como um recurso. Então, deve nos acontecer algo que nos ajude a compreender que esperança há em nós. Não porque a festejemos entre nós, mas porque um outro a vê em nós, e nos diz.

Colocação: *No início deste ano “descobri” um tio-avô de cerca de sessenta anos. “Descobri” no sentido de que sempre o vi apenas em ocasiões em que a família toda se reunia. Mas este ano, convidou minha família e a da minha tia para jantar na casa dele. Ele gosta – assim como eu – de comer e beber bem, e nos tratou como reis. Eu comi e bebi muito satisfeito e me diverti muito. Até conversamos um pouco, mas nada demais. De fato, depois, o que mais falava aos meus amigos era sobre os pratos deliciosos que tinha comido e os vinhos que tinha bebido. Até que minha tia, algumas semanas depois, me disse que meu tio-avô tinha ficado muito tocado, em particular, comigo. Eu sinceramente não entendia e pensei que ele tinha ficado animado por causa da nossa paixão em comum pela boa comida e boa bebida, nada mais. Mas, desde então, comecei a perceber algumas atitudes dele. Por exemplo: veio na minha formatura, começou a me escrever e me convidar para ir à sua casa com minha namorada, e também me mandava coisas boas para comer. Um dia, decidi ir encontrá-lo com minha namorada, estava muito curioso. No caminho para o restaurante fomos conversando e ele me fazia muitas perguntas, como se estivesse me estudando, buscando alguma coisa. Percebi isso de modo evidente quando, por exemplo, me perguntou: “Há quanto tempo você está namorando?”. Eu respondi: “Há quase seis anos”. “Ah! Entendi! Foi ela que colocou a sua cabeça no lugar, mudou você e fez você amadurecer”. Fiquei surpreso com a reação dele. Depois, durante o jantar, tive a possibilidade de contar a minha história e dizer-lhe que o que mudou a minha vida foi o encontro com Cristo. Depois que eu contei essas coisas, percebi que ele se abriu bastante, e eu ficava cada vez mais impressionado com isso porque mal o conheço. Eu me perguntava: o que está acontecendo? Ele se abria, me contava um monte de coisas, sobretudo sobre as dificuldades que está enfrentando; e falava muito de outras pessoas, de coisas fora dele, mas nunca de si. Então, quando ele terminou, eu perguntei: “E o senhor, tio, como está?”. “Bom, meu filho...”. E eu disse: “Não, não, você, tio, como está?”. “Bom, isso e aquilo...”. “Não, não: como você está?”. Na terceira vez em que perguntei isso, ele começou a chorar, comovido, e me disse: “Na verdade, estou triste, embora pareça que tenho tudo. Tenho dinheiro, parece que não me falta nada, mas estou triste”. Fiquei surpreso, não sabia o que dizer, mas queria entender o que estava acontecendo, então perguntei: “Por que está me dizendo essas coisas? Eu sou um pobrezinho que mal o conheço e tenho só vinte e três anos”. “Porque quando nos vimos pela primeira vez naquele jantar, não sei por quê, vi em você uma esperança. O problema é que não vejo essa esperança em mim!”. Este é o fato. Quantas vezes, eu também, vendo os rostos dos amigos cheios de esperança e de alegria, parei e disse: “Sorte deles, mas para mim é impossível, não há possibilidade para mim, agora”. Mas na Escola de Comunidade da universidade, depois de um dia chato, aconteceu um fato: um amigo contava como estava cheio de gratidão e estava aproveitando tudo de cada momento. Eu reconheci que era verdade não porque ele estava dizendo, mas porque seu rosto testemunhava isso, testemunhava para mim. Trata-se de olhar e ver o que o Senhor está fazendo com o meu amigo, porque é isso que me contagia. Essa esperança é dada a ele, é dada a um outro, para que possa ser minha também. Não “para ele sim, e para mim não”, senão, paro na lamentação. Já está ali! Para mim, trata-se sempre de ir atrás do Seu método ou do meu; e verificar isso.*

Carrón: Uma pessoa que não o conhece bem percebe, apesar de não entender direito o que você carrega: “Vi uma esperança em você. O problema é que não vejo essa esperança em mim!”. Isso devolve a você a consciência do que lhe aconteceu, porque muitas vezes você também, assim como

seu tio-avô, pensa que certas coisas são impossíveis para você. O que tudo isso fez você entender? Que para perceber tudo o que está diante dos olhos é preciso olhar e ver o que o Senhor está fazendo. Esta é a única coisa que contagia, a única coisa que você e seu tio-avô percebem como pertinente às exigências de suas vidas. Como seu tio-avô descobriu a esperança? Através da esperança que você carrega, e que o envolveu. E disto, nasceu nele o desejo de entender.

Colocação: *Eu e meus amigos gostaríamos de entender o que Dom Gius quer dizer com a frase: “uma presença carregada de proposta é, então, uma presença carregada de significado” (p. VI). No trabalho que fizemos, emergiu o pensamento experiencial de que tudo pode ser uma presença que desperta o eu e o provoca. Mas, então, o que Dom Gius quer dizer quando afirma que “não qualquer presença com proposta é carregada de significado” (p. VI). De fato, alguns de nós diziam que no texto se fala de testemunho, de anúncio, de encontro. Então, pareceria que quem é tocado por uma presença com uma proposta carregada de significado seria, depois, capaz de perceber cada circunstância como uma presença provocante. Você pode nos ajudar?*

Carrón: Como podemos entender que um anúncio é uma presença com uma proposta carregada de significado? Antes demais nada, olhando, olhando onde acontece, senão, nos fechamos nos nossos raciocínios. Vimos isso na colocação anterior. Nosso amigo, seguindo – como ele disse – e aproximando-se do método de Deus, não afastando-se do que encontrou fora de si, foi transpassado a ponto de envolver toda a sua pessoa. Não foi até o tio-avô anunciar com palavras a esperança que há nele, mas aquela esperança o transpassou de tal modo a ponto de envolver toda a sua pessoa e, assim, foi inevitável que se tornasse evidente ao tio-avô, mesmo que não tenha falado diretamente de esperança. Uma proposta é carregada de significado, nos diz Dom Giussani – e nós vemos que é verdade porque nos contagia –, quando envolve a pessoa que o carrega. É justamente o que me conta uma amiga que não pôde vir esta noite. Ela escreve que, depois de ter participado do funeral de um paciente seu, ao qual era muito afeiçoada, no fim da Missa “a filha me deu um bilhete onde estavam escritas estas palavras: ‘Cara doutora, nestes anos de doença do meu pai pensei muitas vezes na senhora, a senhora, que consegue, em cada instante, com suas palavras e sua tenacidade, ir além da doença. Agradeço-lhe por ter me ajudado a dar uma razão à esperança que está em cada um de nós e continuar amando o meu pai dia após dia, acompanhando-o’ [os outros reconhecem a esperança que carregamos]. É uma graça poder encontrar pessoas que veem o Além que carregamos, e isto se torna um chamado para mim para colocá-Lo cada vez mais na origem dos meus dias e de tudo o que faço [quando um outro nos restitui o que nós carregamos com essa consciência torna-se também para nós um apelo a olhar para a realidade com este “Além” nos olhos]. Outra coisa que me tocou deste fato está ligada àquilo que você disse no final do Dia de Início de Ano: ‘Peçamos a Ele a graça de tomarmos consciência [...] da responsabilidade que temos, certamente não por mérito nosso, mas por tudo quanto recebemos: um método através do qual o anúncio cristão na sua essência pode entrar na vida de cada um, até envolver toda a nossa pessoa’ (p. X). É realmente uma grande responsabilidade, que sinto bastante no meu trabalho, onde estou em contato com a humanidade reduzida ao essencial pela doença e pela dor. Eu mesma sou chamada por eles a reconhecer o Essencial”. É isso que tocou tantos, ou seja, a novidade que o cristianismo representa. Muitos foram tocados pela insistência de Giussani sobre o fato de que o cristianismo é uma novidade radical. Por isso, outra pessoa me escreve: “No nosso grupo, surgiu esta pergunta: ficamos muito tocados pelo modo de falar do anúncio como novidade radical, ‘uma coisa que não podia existir, e existe’. Como o anúncio pode permanecer imprevisível no tempo, no cotidiano, da mesma maneira?”. Como redescobrimos a novidade radical que o cristianismo carrega? O que significam para nós – como foi para Dom Giussani – as provocações da realidade? Que experiência fazemos da novidade radical que é o cristianismo? A questão não diz respeito, como vemos, aos que estão “fora”, mas a nós, que estamos “dentro”. Não é verdade?

Colocação: *Sim. De fato, quando Dom Giussani chama a atenção para o fato de que a tradição e o discurso não conseguem mais levar a uma adesão, parece a descrição do meu relacionamento com*

o Movimento: não me basta a história, uma história que já começou há quarenta anos e que determinou tudo na minha vida (trabalho, casamento, filhos), também não me basta o fato de eu poder escutar palavras e discursos mais inteligentes e verdadeiros do que em outros lugares; não basta tudo isso para me mover, mesmo que seja simplesmente para ir à Escola de Comunidade depois do jantar ou para aderir a outras propostas do Movimento. Falando sobre isso com uma amiga, cheguei a esta conclusão: em muitas propostas do Movimento falta uma novidade, falta uma presença carregada de significado que envolve neste significado a pessoa que o carrega. Mas o Dia de Início de Ano, não, foi um verdadeiro anúncio e eu não teria nenhuma dificuldade em aderir aos gestos se fossem todos assim. Por isso, peço uma ajuda nessa passagem: que o cristianismo é uma presença carregada de significado que envolve neste significado a pessoa que o carrega, eu reconheço, reconheci isso no Dia de Início de Ano em Dom Giussani, reconheço em você, mas, e em mim? Essa é a “radical mudança da nossa consciência” da qual Dom Giussani fala no fim? Por isso, no final, você perguntou: “Como é que este acontecimento se torna experiência para cada um de nós, como é que entra nas entranhas do nosso ser?” (p. X).

Carrón: Estão vendo? Esse é o grande desafio, porque não diz respeito aos outros, mas a nós: também para nós, o Movimento vivido apenas como tradição, como história, palavras, propostas, não basta. Se não acontece algo que nos muda, que nos move, percebemos a mesma idêntica necessidade que observamos nos outros. Por isso, Dom Giussani nos diz que se isto não acontece em nós, não sabe quanto tempo permaneceremos na Igreja, ou no Movimento. Tudo bem, podemos até ficar formalmente, mas não sei por quanto tempo ainda continuará a nos interessar se este permanecer não nos contagia, para usar uma palavra que foi usada há pouco. Neste ponto, Dom Giussani nos convida a um passo, esclarecendo que a diferença entre uma plateia infantil e uma plateia madura consiste exatamente nisto: “na pessoa madura, no homem adulto todo o acontecimento dramático da vida [...] se desenvolve dentro dele” (p. III). Precisamos aceitar a dramaticidade diante da qual nos encontramos. Assim como Dom Giussani precisou enfrentar os acontecimentos de '68, do mesmo modo você também precisa enfrentar desafios. A proposta do Movimento também é um desafio para você: tenho razões adequadas para ir atrás dela? Se a pessoa não entende a densidade que há na proposta, não ache que conseguirá ir atrás dela vivendo superficialmente. Diante de qualquer proposta, cada um de nós precisa ir até o fundo da questão: “Por que preciso estar aqui esta noite? Por que preciso participar da Coleta de Alimentos? Por que preciso fazer caritativa?”. Não nos bastará uma resposta superficial. Como adultos, não podemos permanecer no Movimento sem fazer esse caminho, sem a tenacidade de um caminho, porque – como diz Dom Giussani – “tradição e teoria, tradição e discurso não conseguem mais mover o homem de hoje”, como vemos acontecer também conosco, não apenas com os outros.

Mas Dom Giussani acrescenta outra coisa, que a meu ver é muito importante entender. Por que tradição e discurso não bastam mais? Porque “para o homem adulto e maduro esse problema não se coloca, justamente porque para se tornar adulto na fé é preciso tê-lo superado, é preciso ter superado o apelo fascinante do motivo histórico e o apelo admirável de uma estética dada por uma perfeição teórica” (p. V). O que isso quer dizer? Nós pensamos que nos tornamos adultos, maduros, quando possuímos mais discursos e teorias ou quando temos apelos a fazer. Mas o homem realmente adulto dá-se conta – como você se deu conta – de que isso não basta. O homem adulto deve ter superado este ponto e deve ter percebido do que realmente tem necessidade. De fato, como você disse, um sinal de maturidade é dar-se conta de que isso não basta mais. Mas dar-se conta de que não é mais suficiente, não é uma desgraça! Um adulto entende que isso o coloca diante da verdadeira questão: do que eu tenho necessidade? Como posso descobrir realmente, através dessa consciência mais aguda, o que falta, do que preciso?

Colocação: *Recentemente, vivi um período muito difícil, como já aconteceu outras vezes. Percebi que me movia como um órfão, com uma perda de disponibilidade. Fiquei muito machucado pelo meu modo fechado de ver a mim mesmo e os relacionamentos, achando que já sabia tudo. Um fato, porém, me despertou em relação à questão colocada por Dom Giussani sobre a esperança que está*

dentro de nós e sobre a irredutível novidade que Cristo introduziu. Em um dos últimos finais de semana fui às montanhas para fazer um passeio muito bonito. Para mim, ir às montanhas é um momento em que me sinto livre, contente, um momento privilegiado. Enquanto caminhava com os outros e ouvia as conversas sobre como chegar ao topo, sobre outros passeios, etc, (conversas muito chatas), aquele barulho começou a me incomodar, tanto que precisei me afastar do grupo porque diante de toda aquela beleza meu coração queria mais. Toda exaltação pelo feito que estávamos realizando era muito pouco. Quando chegamos ao topo, meu coração estava contente, mas não feliz e, então, nasceu uma pergunta: o gosto pelas coisas pode ser dado apenas por alcançar um objetivo, mesmo que seja grande? E cheguei ao juízo de que o verdadeiro gosto nasce da consciência da origem das coisas, do conhecimento de Quem nos dá essas coisas. Por isso posso dizer que o fato de que meu coração, naqueles dois dias, gritasse, já era o sinal de um desejo d'Ele, do Seu recontecer. Aquele incômodo foi o instrumento pelo qual me dei conta da natureza do meu coração, que nem mesmo uma coisa "super" consegue preencher. A partir daquele momento pude entender que me faltava Ele. E posso dizer: "Que coração eu tenho, que nem mesmo uma coisa belíssima pode preencher?!"

Carrón: Esta é a maturidade: "Que coração eu tenho, que nem mesmo uma coisa belíssima pode preencher?!". E quando alguém se dá conta disso, o que desperta na pessoa? A consciência de que o seu coração quer mais. De fato, toda a exaltação pela empresa que vocês estavam realizando era muito pouco para a exigência do seu coração e, então, você percebeu que o gosto verdadeiro nasce do conhecimento de Quem lhe dá essas coisas. Amigos, se em tudo o que fazemos, em tudo o que encontramos, não chegamos ao único "Quem" que pode tornar interessante a mim e às coisas que faço, que pode responder à totalidade da exigência do meu coração, com o tempo tudo parecerá muito pouco. Jesus, na sua simplicidade, diz isso no Evangelho. Lembro-me de dois episódios que citamos em outras ocasiões. "Os setenta e dois voltaram alegres e disseram: 'Senhor, até os demônios se submetem a nós, em teu nome'. Ele respondeu: 'Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago. Eu dei a vocês autoridade para pisarem sobre cobras e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo; nada lhes fará dano. Contudo, alegrem-se, não porque os espíritos se submetem a vocês, mas porque seus nomes estão escritos nos céus'" (Lc 10,17-20). Se não entendemos isso, se tudo o que vivemos não for para nos darmos conta disso – diante da alegria com a qual os discípulos retornam, Jesus, seu verdadeiro amigo, os introduz à única coisa que pode ser realmente adequada à exigência deles –, se em tudo o que vivemos não chegamos até aí, tudo nos levará necessariamente ao ceticismo, porque nada nos basta. Ainda bem que há alguém que nos diz: "Não fique contente com isso", ou seja, com aquilo que faz, porque não é suficiente. Um homem simples como o décimo leproso entende isso: nele, aconteceu o que desejava – ser curado da lepra –, mas que perspicácia, que simplicidade são necessárias para se dar conta de que a cura não basta! Porque há muitos que não têm lepra e, no entanto, são tristes; podem ter tudo e ser tristes. Somente o décimo leproso entendeu o que era ainda mais interessante do que ser curado da lepra: voltar para Ele, desejá-Lo. E por isso não foi suficiente, para ele, ter obtido a cura.

Se não fizermos o trabalho de aprofundar aquilo que nos acontece para entender o que "sozinho" é pertinente à nossa exigência de plenitude, o que pode responder à tristeza que percebemos em nós ou vemos nos outros, o que pode dar gosto – como você dizia – às coisas, então nós também nos perguntaremos – como emergiu antes – se todas as coisas que fazemos são suficientes para que continue sendo interessante participar das propostas do Movimento. As propostas nos são feitas e as repropomos não para que mecanicamente possam nos dar alguma coisa, mas para que se revele ali dentro, naquilo que carregamos – como se desvelou ao tio-avô do nosso amigo –, a esperança que existe em nós. Então, qual é o teste de que a esperança está em nós? Quando nas circunstâncias que vivemos, nos vemos livres de qualquer projeto nosso, não precisamos buscar outro ponto de apoio fora daquilo que nos acontece. A meu ver, este é o nosso grande desafio.

Enquanto trabalhava sobre a Escola de Comunidade, reli uma passagem do livro *Homens sem pátria*, onde Giussani volta a este ponto. Era 1982 e todos tinham ouvido falar naqueles anos, em '68 e nos anos seguintes, mas é como se isso não tivesse se tornado deles. De fato, naquela Equipe

com os Universitários, Giussani diz: “Em ’73, ’75, ’76 e ’77”, e assim por diante, colocamos nossa esperança em algo que nós fazíamos. E cita uma colocação que fala de “pessoas que identificam a própria consistência [...] em uma modalidade expressiva de si” (L. Giussani, *Uomini senza patria. 1982-1983*, Bur, Milão 2008, pp. 95, 97). A esperança não tinha penetrado a ponto de definir a posição do eu diante dos desafios e então a pessoa buscava a consistência em algo que é expressão de si. Como podemos ser livres a ponto de reconhecer o que Dom Giussani nos disse, ou seja, que a resposta ao desafio de ’68 era a esperança que estava nele e que está em nós (“está em você e está em mim”) e não naquilo que fazemos ou nos projetos que conseguimos realizar? “Abandonar-se a esta Presença obriga a abandonar a confiança na nossa ação, na nossa obra, no nosso modo de conceber, ou seja, no nosso modo de operar os valores, quer dizer, na nossa ideologia, mesmo que cristã, como argumento e pretexto” (*idem*, pp. 95-96). Porque essa esperança só poderá ser suficiente para viver se nos damos conta – como se deu conta aquele tio-avô – de que tudo o que temos e fazemos não responde à tristeza, assim como não responde – como dizia Giussani naquele momento – à “insegurança existencial”, ou seja, ao “medo profundo que faz buscar apoio na própria expressão” (*idem*, p. 96), identificando a própria consistência naquilo que se faz. “Enquanto a nossa consistência é algo que é outro de nós” (*idem*, p. 97). Por isso, dizia: “O cartaz [de 1982] é uma ruptura dramática com mais de dez anos de caminho no qual o CLU usou [...] os valores cristãos sem conhecer Cristo, sem reconhecer verdadeiramente Cristo” (*idem*, p. 98) e, portanto, não conseguiu vencer a insegurança existencial. E se não vencemos a insegurança existencial como experiência, buscamos em outro lugar o ponto de apoio. É nisso que podemos fazer a verificação se percebemos o alcance do que Giussani fez em ’68, se o conteúdo do Dia de Início de Ano realmente passa para a nossa vida, se a consideramos uma proposta adequada e pertinente às exigências da vida, à confusão em que vivemos, à insegurança em que vivemos, ao caos em que vivemos, à situação social, cultural e política em que vivemos. Senão procuraremos em outro lugar o ponto de apoio.

Então, temos diante de nós o critério para começar este ano: em que medida a esperança está em nós, naquilo que nos aconteceu, a ponto de nos surpreendermos porque isso prevalece sobre qualquer outro ponto de apoio? Ou buscamos a esperança nas nossas análises e nas coisas que consideramos mais adequadas? O Dia de Início de Ano documenta onde Giussani colocava a sua esperança para enfrentar o desafio de ’68. Cada um de nós deve se perguntar: onde colocamos a nossa esperança para enfrentar a mudança de época, a confusão que prevalece, a tristeza ou o vazio, ou para responder à situação social e política na qual nos encontramos? Sentimos o conteúdo do Dia de Início de Ano pertinente, ou nós também buscamos a esperança onde todos buscam, ou seja, no homem forte ou em quem promete acabar com a pobreza?

Dois gestos nos esperam, que podem nos ajudar a tomar consciência disso: a Coleta de Alimentos e as Tendões AVSI. Podemos viver esses gestos com a consciência que adquirimos trabalhando sobre o Dia de Início de Ano ou podemos vivê-los, no fundo, como algo paralelo, que não resolve nada porque a solução dos problemas estaria em outro lugar. Sem a consciência adquirida com o Dia de Início de Ano, também estes gestos poderiam ser vividos como pretextos para encobrir a nossa insegurança existencial, concebendo as coisas que fazemos como nosso ponto de apoio. Por isso, será interessante verificar onde se apoia a nossa esperança enquanto fazemos a Coleta ou as Tendões e no modo como reagimos às circunstâncias. É isto o que temos diante de nós como possibilidade de verificação. Se tudo o que fazemos não for para crescer na consciência de que aquela esperança – que Giussani diz que está em nós – é capaz de nos fazer estar diante das circunstâncias, diante de desafios de qualquer tipo, desde pessoais até sociais ou políticos, o Dia de Início de Ano terá sido uma bela meditação para nos entreter por alguns momentos, mas não o consideraremos pertinente aos desafios da vida. Então buscaremos a resposta aos desafios em outros foros, contando com outros pontos de apoio. Como já aconteceu (como diz Giussani: “em ’73, ’75, ’76, ’77”), talvez nos convenha não ser tão presunçosos achando que já entendemos. Esta será uma bela verificação!

Graças a Deus, a Escola de Comunidade que nos espera, prosseguirá com o capítulo de *Por que a Igreja* que tem como título “O lugar da verificação: a experiência humana”. O capítulo fala da

mesma proposta que nos foi feita no Dia de Início de Ano, e que podemos continuar a ter nos olhos, para verificá-la diante dos desafios da vida e experimentar se a consideramos pertinentes a eles. Não é fácil considerá-la como tal, não é óbvio reconhecê-la como correspondente à natureza do desafio. De fato, quem de nós poderia pensar que a colocação de Dom Giussani seria a coisa mais pertinente, naquele caos, às exigências do ano de '68? Será que não pensaríamos que aquele era o “top” do intimismo ou o “top” da vida fora da história? Será que não buscaríamos em outros lugares soluções mais “concretas”? Por isso, começando o trabalho sobre esse capítulo, cada um pode fazer a verificação da proposta cristã que encontrou, se vê nela a correspondência ou não às exigências da vida. O critério para verificar se o que a Igreja repete com Jesus pode ser reconhecido como crível é a sua correspondência às exigências da vida, aos desafios da vida, às provocações da realidade. Teremos uma ocasião estupenda para fazer também esse trecho do caminho não como uma reflexão abstrata de um texto, mas como uma verificação de como enfrentamos a situação em que vivemos.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade acontecerá na quarta-feira, 21 de novembro, às 21h00. Continuaremos o trabalho sobre *Por que a Igreja*: “o lugar da verificação: a experiência humana”, da página 307 à página 312 (Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2015). Como eu disse, com esse texto da Escola de Comunidade podemos fazer a verificação do que ouvimos no Dia de Início de Ano. Todo o capítulo, de fato, é dedicado justamente ao tema da verificação porque, sem ela, não há caminho. Tudo o que Dom Giussani fez foi justamente para fazer crescer o nosso “eu” e, por isso, nos convida à tenacidade de um caminho, de um trabalho. Ajudemo-nos no trabalho de retomada do texto também nos grupos de Escola de Comunidade.

Jornada Mundial dos Pobres

Domingo, 18 de novembro, acontecerá a Jornada Mundial dos Pobres. O Movimento propõe a todos apoiar dois gestos como um modo simples de aderir à preocupação do Papa Francisco:

- O Dia Nacional da Coleta de Alimentos, que acontecerá (na Itália) no sábado, 24 de novembro / No Brasil será dia 10 de novembro (<http://coletadealimentos.com.br/>)

- a Campanha Tendas AVSI, no período de Natal, que este ano tem como título: “Sob o mesmo céu. Ousamos a solidariedade através das fronteiras”. Apoiará vários projetos. Os principais são: na Síria, para atendimento hospitalar gratuito aos pobres; no Brasil, para acolhida dos refugiados vindos da Venezuela; em Burundi e no Quênia, para um projeto de criação de postos de trabalho; na Itália, em apoio ao trabalho das Irmãs de Caridade da Assunção com crianças e famílias pobres.

Estes gestos nos oferecem a possibilidade de colaborar para gerar um sujeito, antes de mais nada, para quem os faz, ou seja, os “eu” que no modo com o qual respondem às necessidades ajudam a fazer crescer outros “eu”.

Ninguém teria respondido ao desafio de '68 como Giussani respondeu. Para nós teria sido, como disse, muito “intimista”. No entanto, demonstrou-se como a coisa mais pertinente à situação. Também é assim para nós, hoje: ou tudo o que fazemos é para comunicar essa novidade – portanto, também os dois gestos que nos esperam –, ou fazemos “cristandade” ao invés de “cristianismo”. “O cristianismo é outra coisa”, como ouvimos de Dom Giussani. Então, bom trabalho a todos!

Veni Sancte Spiritus